

Floriana Di Gesù, Alexandra Pinto, Assunta Polizzi  
(eds.)

**MEDIA, POWER AND IDENTITY:  
DISCURSIVE STRATEGIES  
IN IDEOLOGICALLY-ORIENTED DISCOURSES**



PALERMO  
UNIVERSITY  
PRESS

Memoria&Identità  
Cultural&Linguistic Heritage - 4

*Media, Power and Identity:  
Discursive strategies  
in ideologically-oriented discourses*  
Floriana Di Gesù, Alexandra Pinto, Assunta Polizzi

*Editors:* Floriana Di Gesù, Assunta Polizzi,  
Carla Prestigiacomio

*Scientific Committee:* Mechthild Albert, Mostafa Ammadi, En-  
ric Bou, Maria Vittoria Calvi, Anna De Fina, Isabel Duarte,  
Arianna Di Bella, Catalina Fuentes Rodríguez, Ángel García  
Galiano, Augusto Guarino, Christopher Hart, Elena Lamberti,  
Ángel López García, María Matesanz del Barrio, Francisco  
Moreno-Fernández, Domenica Perrone, Carmen Riera, Cinzia  
Spinzi, Dolores Thion Soriano-Mollá

ISBN (printed book): 978-88-99934-94-1  
ISBN (online): 978-88-99934-97-2

This volume was published with the contribution of the Univer-  
sity of Palermo and the Department of Humanities.

All articles have been double-blind peer reviewed.

© Copyright 2018 New Digital Frontiers srl  
Viale delle Scienze, Edificio 16 (c/o ARCA)  
90128 Palermo  
[www.newdigitalfrontiers.com](http://www.newdigitalfrontiers.com)

## Discurso científico e ideologia na revista do Estado Novo, *Portugal Colonial*

ISABEL MARGARIDA DUARTE (Universidade do Porto)

MARIA ALDINA MARQUES (Universidade do Minho)

RUI RAMOS (Universidade do Minho)

**Abstract:** Based on a discursive-pragmatic theoretical framework, we define as object of analysis the construction of scientific discourse in the Magazine *Portugal Colonial*, published during Estado Novo, in order to determine the discursive modes of construction of science in relation to the ideology of the Portuguese Estado Novo regime. *Portugal Colonial* is a monthly magazine of propaganda, published from March of 1931 to February of 1937. Unlike the stereotype of the scientist and his work, both confined to an ivory tower, it is not possible to understand science outside its socio-historical context. In other words, it is not possible to think of science as breaking away from ideology.

This is also the case: textual elements point to a strong association between science and ideology in the articles analyzed.

**Keywords:** propaganda discourse, press discourse, science discourse, Estado Novo.

**Resumo:** A partir de um enquadramento teórico discursivo-pragmático, definimos como objeto de análise a construção do *discurso científico* na Revista *Portugal Colonial*, publicada durante o Estado Novo, a fim de determinarmos os modos discursivos de construção da ciência na relação com a ideologia do Estado Novo português. *Portugal Colonial* é uma revista mensal de propaganda, publicada de março de 1931 a fevereiro de 1937.

Isabel Margarida Duarte, Maria Aldina Marques, Rui Ramos

Ao contrário do estereótipo do cientista e do seu trabalho em ciência, confinados ambos a uma redoma ou torre de marfim, não é possível compreender a ciência fora do contexto sócio-histórico que integra. Por outras palavras, não é possível pensar a ciência em rutura com a ideologia. E também neste caso as evidências textuais apontam para uma forte associação entre ciência e ideologia nos artigos analisados.

**Palavras-chave:** discurso de propaganda, discurso de imprensa, discurso da ciência, Estado Novo

## 1. Enquadramento no projeto

Começámos já a tratar de alguns tópicos, em revistas do *Estado Novo*, a saber:

- a Segunda Guerra Mundial e a construção da identidade portuguesa (Duarte, Marques, Pinto: 2016);
- a construção da identidade portuguesa e a identidade da mulher (Duarte, Marques, Pinto: 2017);
- o discurso publicitário ao serviço da construção da identidade: o caso de *Mundo Gráfico* (Duarte, Marques, Pinto: 2017).

O *Estado Novo*, regime autoritário que governou Portugal entre o final da Primeira República e o 25 de Abril de 1974, quando a democracia foi instaurada, serviu-se da imprensa, sobretudo escrita, para levar a cabo uma forte doutrinação ideológica (Hohlfeldt: 2017, Neto: 2008). Uma das peças desta doutrinação foi a revista *Portugal Colonial*,<sup>1</sup> que se destaca por configurar um ato de

---

<sup>1</sup> A revista está disponível *online*, na hemeroteca de Lisboa. Tem boa qualidade gráfica e bons desenhadores (as capas de dez dos números são desenhadas por Carlos Botelho, por exemplo, mas há outros artistas de qualidade que colaboraram na revista, como Diniz Fragoso). O número médio de páginas é elevado, cerca de 40, quase sempre com muito texto e pouca imagem, muitas estatísticas e assuntos sérios, economia, agricultura, medicina, etc.. A par destes assuntos

propaganda cuja credibilidade lhe advém, em parte, de colocar o prestígio social da ciência (Ramos e Carvalho: 2008), do conhecimento especializado, ao serviço do império colonial. Iremos ocupar-nos, neste artigo, das relações entre o discurso científico e o discurso ideológico nesta revista.

### 1.1 *Objetivos e hipóteses*

Estabelecemos como objetivos da presente análise:

- Determinar as características da revista *Portugal Colonial* enquanto instrumento do Estado Novo ao serviço de um movimento colonizador apoiado na ciência.
- Identificar as características do discurso jornalístico enquanto discurso de ciência.
- Determinar a possibilidade de categorização deste discurso de ciência como discurso de vulgarização da ciência.
- Identificar os mecanismos linguístico-discursivos ao serviço deste desiderato na revista *Portugal Colonial*.

Estes objetivos estão apoiados nas seguintes hipóteses:

Hp1. Na revista *Portugal Colonial*, o discurso de propaganda visa a credibilidade do regime e o convencimento público.

Hp2. A ciência é usada como suporte do discurso de propaganda e de convencimento pelas autoridades portuguesas coloniais.

Hp3. Como forma de credibilização, a revista *Portugal Colonial* recorre a estratégias diversas da construção discursiva próprias do discurso científico e de divulgação científica.

Hp4. O discurso de divulgação na revista *Portugal Colonial* é não prototípico.

---

*sérios* integra uma página literária, única secção da revista em que as mulheres têm presença significativa.

## 1.2 *A construção do Império e a ciência*

Desde o século XIX que a ciência participa na construção dos impérios, enquanto prática social e ideológica que acompanha e provoca as dinâmicas sociais. Como refere Harari (2017 [2011], 327 e 352):

A revolução científica e o imperialismo moderno são inseparáveis. (...) o novo conhecimento acumulado pelos impérios tornava possível, pelo menos em teoria, favorecer as populações conquistadas e conceder-lhes os benefícios do «progresso» – oferecer-lhes medicamentos e educação, construir caminhos de ferro e canais, garantir a justiça e a prosperidade.

A partir de um enquadramento teórico discursivo-pragmático (Amossy: 1999, 2010, Maingueneau: 1999), definimos como objeto de análise o discurso científico na revista *Portugal Colonial*, a fim de determinarmos os modos discursivos de construção da ciência na relação com a ideologia do Estado Novo português.

## 2. *A revista Portugal Colonial*

A revista *Portugal Colonial* é uma revista ao serviço da ideologia do Estado Novo e foi publicada de março de 1931 a fevereiro de 1937, num total de 72 números. Tem como subtítulo *Revista de propaganda e expansão do Império Português* (ainda que nas páginas interiores esteja registada a variante: *Revista de propaganda e expansão colonial*). Assume assim, desde o início e explicitamente, a divulgação da ideologia do Estado Novo, mas é um posicionamento que se pretende que seja “informado”, isto é, privilegia a informação “científica”. Daí o conjunto de colaboradores, mais de uma centena, que a revista reúne nos 72 números que constituem o *corpus* do presente trabalho.

A organização da revista dá conta da realização desse objetivo. Como se afirma logo no “editorial” do número 1,

Trata-se de levar a efeito uma activa propaganda do nosso Império Colonial com o fim de formar em Portugal uma consciencia colonial que tanta falta faz á valorização moral e material dos nos-

sos extensos dominios.

*Portugal Colonial*, n.º 1, 1931, p. 26

Pretende-se dar início à revitalização da colonização, com base num trabalho sério, fundamentado em conhecimento sobre a matéria. O desejo de revitalização ocorre porque o verdadeiro inimigo da colonização é, segundo a revista recorrentemente afirma, o Liberalismo de 1820 e a decadência para que arrastou a Nação:

Em 1820 começa a noite negra da nossa história colonial – a decadência. A vida oficial portuguesa concentrou-se tôda em volta das ideologias novas e, sôbre os objectivos nacionais, baixou a névoa opaca de uma falsa grandeza e dum falso ideal.

*Portugal Colonial*, n.º 28, 1933, p. 11

A *Portugal Colonial* ocupa-se sobretudo com questões políticas, nomeadamente de legitimação do governo das colónias, mas também com a justificação de opções económicas, administrativas e políticas que dizem respeito à administração colonial. A própria revista anuncia os temas: «Assuntos económicos-comerciais agrícolas-industriais e financeiros. Informações de todo o mundo colonial» (n.º 1).

### 3. Objetivos da revista *Portugal Colonial* e discurso de divulgação científica

Ao contrário do estereótipo do cientista e do seu trabalho em ciência, confinados ambos a uma redoma ou torre de marfim, não é possível compreender a ciência fora do contexto sócio-histórico de que faz parte. Por outras palavras, não é possível pensar a ciência em rutura com a ideologia (van Dijk: 2005). Este é um tópico particularmente importante para a análise da ciência e da sua divulgação, de que os *media são suporte preferencial* (Moirand: 2000, 2003).

O discurso de divulgação científica inter-relaciona *doxa* e ciência, procurando influenciar a primeira. Retomamos aqui um trabalho anterior (Ramos, Marques: 2016, 97) sobre as características do discurso de divulgação científica:

Tipicamente, o objetivo global de um texto de divulgação científica será o de tornar o locutário mais competente, ou seja, fazer-saber e fazer-compreender. Esta precisão é importante, na medida em que permite distinguir o texto informativo (uma notícia, uma reportagem, uma breve...), que assume por objetivo ilocutório o de fazer-saber, do texto explicativo (onde se encontrarão os artigos de divulgação científica) que, ainda que incorpore igualmente o objetivo de fazer-saber, se distingue daqueles por igualmente pretender fazer-compreender – podendo este objetivo ilocutório ser igualmente descrito como uma tentativa de modificar a percepção do leitor sobre determinado tema.

A *Portugal Colonial* apresenta algumas especificidades neste domínio: os colaboradores, se não são cientistas, são especialistas dos temas que tratam. É o saber ao serviço do império colonial. Mais ainda, o saber é a pedra angular desse império.

O objetivo é colocar o conhecimento ao serviço da ideologia: o conhecimento entendido como verdade. Ou, por outras palavras, colocar nas mãos de uma elite o futuro colonial de Portugal. Está em causa a aplicabilidade da ciência, a que fizemos referência ao citar Harari, e de que os excertos seguintes dão conta:

Portugal, possuindo naquele continente vastíssimos territórios a administrar, procurando desenvolvê-los e fazê-los prosperar, e milhões de indígenas a socorrer, concedendo-lhes a garantia dum futuro bem-estar, tinha por indeclinável dever de não sómente acompanhar, mas até de esclarecer e guiar em tudo quanto parecesse necessário para o desenvolvimento das raças inferiores a seu cargo.

A nossa obra colonial, até ao presente, quanto aos indígenas – excluída a forma como vimos tratando de os defender contra a doença do sono e outras – *não tem uma orientação, que se possa dizer baseada em normas científicas*, em ordem a que, estudada a origem das diversas tribus que povoam as nossas colónias africanas, assente sobre bases fixas os meios e métodos a adoptar no aproveitamento das qualidades de trabalho de cada uma, se obtenha pela segregação, assimilação, e adaptação, resultados que mais vantagens dêem aos nossos domínios.

*Portugal Colonial*, 1931, n.º 2, p. 15

Meus senhores: Rija peleja está travada no mundo, tendo por teatro os limites que lhe fixam as fábricas e os campos, por símbolo o martelo e a foice, por armas a ciência e a disciplina. Como sempre, a vitória pertencerá ao mais forte, que neste caso será o que alie ao primado da administração, o primado da técnica.

*Portugal Colonial*, 1932, n.º 21, p. 7

O projeto colonizador defendido define-se como um movimento apoiado na ciência.

#### 4. Discurso científico e divulgação da ciência na *Portugal Colonial*

A presença do discurso científico no discurso jornalístico interfere na organização micro e macrot textual dos artigos publicados, em observáveis de natureza diversa (Ramos, Marques: 2016). A análise dos números da *Portugal Colonial* permite salientar as características que justificam a integração de alguns dos artigos aí publicados nos discursos de divulgação científica:

a. O formato dos artigos da *Portugal Colonial* aproxima-os de textos científicos prototípicos ao nível da estrutura, com partes bem marcadas, nomeadamente, Introdução, notas (às vezes), quadros ou gráficos (feitos, por vezes, à mão! Cf. Figura 1):

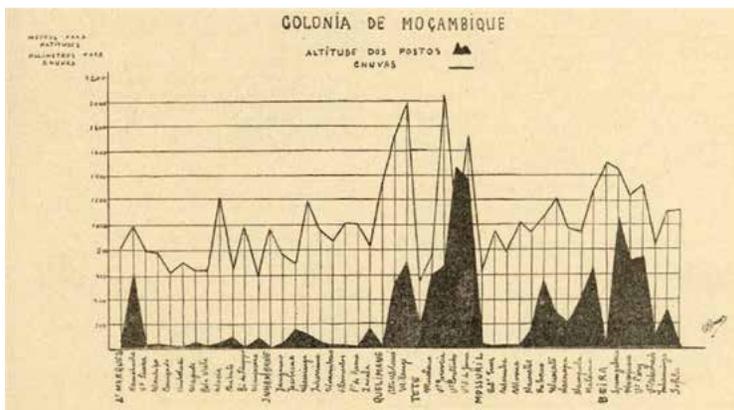


Figura 1: *Portugal Colonial* n.º 16-17, 1932, p. 25

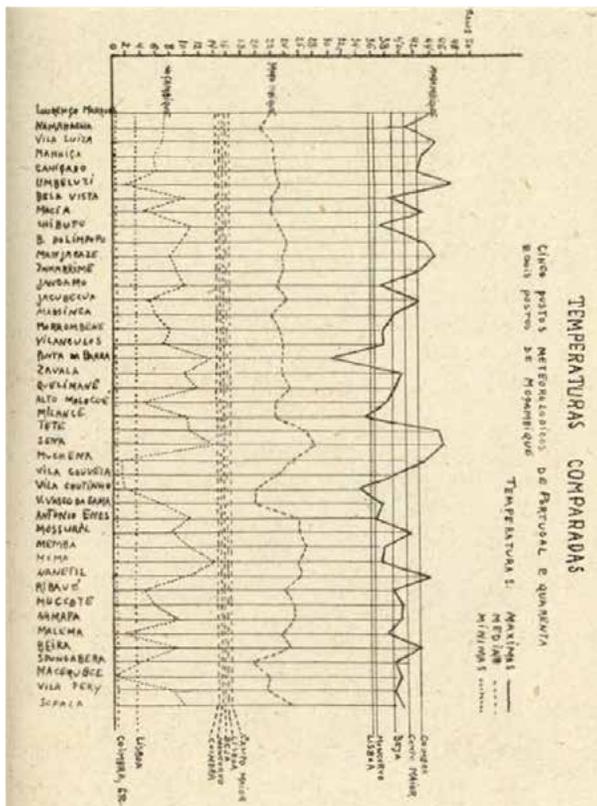


Figura 2: *Portugal Colonial*, n.º 4, 1931, p. 15

Refira-se ainda o facto de alguns textos aí publicados serem a divulgação de conferências, como em (5) se testemunha:

Com estes exemplos provarei não só a verdade contida na tese com que abri esta conferência de que “toda a obra de irrigação bem concebida, em exploração, cria anualmente uma riqueza bruta” cuja importância se aproxima do custo da obra e em muitos casos o excede mas também lhes darei uma ideia clara do efeito criador do amparo proteccionista.

*Portugal Colonial*, n.º 21, 1932, p. 7

b. A extensão dos artigos: a necessidade de aprofundar e argumentar devidamente o tema tratado leva a que alguns artigos ocupem dois números da revista (números 30 e 31, por exemplo), por serem muito extensos, numa lógica informativa que não é a prototípica do jornalismo.

c. A indicação dos títulos profissionais depois do nome dos autores (engenheiro silvicultor, etc.) credibiliza os conteúdos explanados. O exemplo abaixo (figura 2) ilustra essa estratégia:



Figura 3: *Portugal Colonial* n.º 21, 1932, p. 3

A voz da revista *Portugal Colonial* é uma voz plural, ou marcada por heterogeneidade enunciativa em sentido elementar: são muitos os colaboradores elencados na edição n.º 48, aquela que encerra o quarto ano de existência da revista. Desse elenco constam 108 nomes, sendo um só repetido. Este facto não é particularmente interessante pela multiplicidade de enunciadores, mas ganha relevo a própria listagem, na sua forma peculiar, que a revista oferece à leitura, e que permite identificar valores subjacentes – nomeadamente, quem tem direito a ter voz pública, quem confere credibilidade à publicação e, simultaneamente, adquire ou reforça a sua credibilidade pelo próprio facto de poder dar expressão pública à sua voz. Dito de outra forma: a revista apela ao *ethos* prévio ou pré-discursivo (Amossy: 1999, 2010) dos seus colaboradores, ao mesmo tempo que o reforça, num processo circular.

Tratando-se de personalidades públicas, ou de indivíduos com intervenção na vida pública, a imagem reconhecida que os acompanha, ou as expectativas associadas ao desempenho de certas funções ou a certos estatutos sociais, intervêm na configuração dos discursos e na forma como os destinatários os recebem.

Na maior parte dos casos, os nomes são antecidos por axiônimos ou indicação de posto hierárquico. Ora, é na presença dos axiônimos e das notas biográficas que pode ler-se, de alguma forma, a justificação ou a pertinência de a determinada voz ser dado espaço público. E é possível verificar que tipo de critério a revista privilegia como elemento para a sua credibilização.

Dos 108 nomes arrolados, 15 são precedidos de indicação do posto das forças armadas. Esse será um elemento importante do seu *ethos* pré-discursivo; nove deles desempenham ou desempenharam funções relacionados com as colónias portuguesas. Aliás, é também relevante o grupo dos antigos e atuais alunos da Escola Superior Colonial, no total de 14 (cerca de 13% de todos os colaboradores). De novo, o *ethos* pré-discursivo relaciona-se com o envolvimento que os colaboradores tiveram ou têm com as colónias, com a particularidade de não serem simplesmente colonos, ou militares, mas terem seguido um programa de estudos apropriado, o que evoca a racionalidade científica para a construção de imagem acreditada.

No que concerne a colaboradoras do sexo feminino, a revista *Portugal Colonial* replica as práticas sociais da época; dos 108 colaboradores, somente cinco são mulheres, uma das quais ostentando o título de Dr.<sup>a</sup>.

#### d. O léxico especializado

Os vários autores usam terminologia lexical própria da área especializada em que se inserem, em particular quanto à identificação da disciplina científica convocada. Os autores dão conta do modo como categorizam o próprio discurso, classificado, não como género do discurso jornalístico, mas como género do discurso científico:

(...)fixar-se a distribuição antro-po-geográfica dos povos que habitam a Guiné e fazer-se o seu estudo etnológico, oferece hoje inúmeras dificuldades (...). Da etnografia e linguística, alguma coisa podia dizer porque importantes elementos recolhi. Mas não cabe na índole *dêste trabalho um estudo dessa natureza.*

*Portugal Colonial*, n.º 6, 1931, pp. 5 e 6

Tôdas as afecções dêste grupo das febres devidas a protozoários que resistem à quinina são susceptíveis, incluindo também a amibose intestinal, de apresentar alguns dos sintomas do paludismo, pois podem manifestar-se com pirexia mais ou menos irregular e persistente, suores profusos após os acessos febris, anemia e ainda, nos períodos terminais, a caquexia e a outra restante sintomatologia mais ou menos comum, por vezes com lesões viscerais análogas às que se observam no paludismo, como a hipertrofia do baço e do fígado.

*Portugal Colonial*, n.º 18, 1932, p. 8

...o *Mangue da praia* (*Rhizophora mangle*) é frequente na emboadura dos rios (*Chiloango, Zaire, Loge, Cuanza*, etc.) formando densos massiços, que defendem as margens contra a erosão.

*Portugal Colonial*, n.º 12, 1932, p. 12

#### e. O estilo

A necessidade de fazer compreender, de tornar claros os tópicos em debate, está presente no uso de determinados mecanismos linguístico-discursivos como os Marcadores de Discurso, ao serviço dos processos de argumentação e reformulação, como nos exemplos seguintes:<sup>2</sup>

Três elementos fundamentais necessita a agricultura para o seu bom e normal desenvolvimento: a água, o calor e os adubos. *Ora* analisando os *dados meteorológicos* da província de Moçambique e mormente os que dizem respeito aos distritos de Lourenço Marques e do antigo de Gaza, (...) *Por outras palavras*: A obra de colonização em Moçambique, que é fundamentalmente agrícola, só é exequível depois de substituirmos o regímen climatérico variável e de oscilações discordantes e desnorteadoras que caracteriza a Colónia, por um regímen de distribuição de águas metódico e cientificamente regulado, de que o lavrador possa dispôr livremente, dando-lhe a segurança que o governo americano deu aos seus colonos do Middle West, (...)

*Portugal Colonial*, n.º 21, 1932, p. 6

Fazer presidir a tóda a legislação sôbre terrenos o princípio de que a vantagem para o Estado é concedê-los e não conservá-los no estado de baldios, *isto é*, mudando os sinais a um grande número de disposições vigentes sôbre esta matéria.

*Portugal Colonial*, n.º 29, 1933, p. 21

---

<sup>2</sup> Destaques nossos.

Isabel Margarida Duarte, Maria Aldina Marques, Rui Ramos

Como base de argumento, esta reclamação é **portanto** mal formulada, como essência é errada.

*Portugal Colonial*, n.º 31, 1933, p. 8

f. As vozes da ciência:

As asserções que o locutor realiza são ancoradas no conhecimento especializado próprio e alheio.

*O uso generalizado do presente do Indicativo pelo futuro; o emprêgo preferencial de estar com em vez de ter (estar com febre=ter febre) podem também explicar-se, cremos nós, por motivos alheios à influência das línguas da África.*

*Portugal Colonial*, n.º 31, 1933, p. 3

A citação de outros especialistas na área é também uma estratégia corrente:

Em 1791, o douto catedrático e sábio orientalista William Robertson...

*Portugal Colonial*, n.º 1, 1931, p. 11

A ocorrência de um conjunto de recomendações finais, como se os artigos científicos tivessem como fim utilitário convencer as autoridades das propostas dos seus autores, só aparentemente destoa do que tem sido dito. Desta forma, identifica-se a “contaminação” do discurso de divulgação da ciência por outros tipos de discurso, marcados por objetivos particulares. Mas a típica dimensão didática, que poderíamos identificar como “didaticidade fraca” (Moirand: 1992) mantém-se.

III - O que deverá fazer-se, em nosso entender, para continuar a assegurar a investigação geológica portuguesa, realizada nos últimos anos:

*Portugal Colonial*, n.º 3, 1931, p. 2-4

Para êsse efeito proponho a adopção das seguintes medidas a pedir àqueles Governos:

*Portugal Colonial*, n.º 32, 1933, p. 7

Na verdade, a inclusão destes atos diretivos de proposta ou sugestão acentua a relação entre objetivos ideológicos e a ciência. Os artigos publicados apresentam-se como peças de um *lobby*, uma vertente que a revista efetivamente possui e, aliás, assume no editorial do 1º número, em texto de Henrique Galvão.

Estes objetivos práticos – e o regime autoritário em vigor - justificam que, com alguma frequência também, alguns textos que têm configuração de estudo científico como «A cultura do tabaco em Angola» (de Ricardo da Silva Pires), (no número 32) incluam opiniões pessoais, marcadas em elementos linguístico-discursivos subjetivos com valoração pessoal forte (Kerbrat-Orecchioni: 1980), como os por nós destacados abaixo, para, no caso citado, terminar com uma lista de pedidos ao Governo:

Terei ocasião, durante este trabalho, de tornar a referir-me à **salutar** política económica e de fomento da França e de outras nações, para com as suas colónias, neste ramo da sua actividade.

É muito desolador para nós, um confronto entre a política de fomento seguida pela França, para com a sua grande Colónia da Argélia, a qual não se limita só a esta e o que fez o nosso Governo junto das suas grandes e ricas Colónias e perante as **qualidades incontáveis** de trabalho dos seus **abnegados** colonos.

Para quantias tão avultadas, é tristíssimo constatá-lo, as nossas Colónias apenas contribuíram, nos referidos 3 anos, com 5.190.269\$00 (...).

*Portugal Colonial*, n.º 32, 1933, p. 4

O alinhamento com o Estado Novo é explicitamente afirmado. A vertente política é visível na presença muito assídua do Ministro das Colónias, quer através de transcrição dos seus discursos em várias ocasiões, quer de entrevistas. Às vezes, num mesmo número da revista (no número 27, por exemplo), o Ministro tem voz duas vezes: na transcrição de um discurso e numa entrevista (pp. 3-4 e pp. 20-23). Além desta presença direta da sua voz, há os atos ilocutivos de elogio que o têm por objeto e que a revista inclui com frequência: “um notabilíssimo discurso do Senhor Ministro das Colónias” (nº 27, p. 20). Assim se cria, por intermédio desta voz de autoridade, um tom oficial em *Portugal Colonial*, testemunhando que a revista se identifica com o Estado e é um órgão divulgador das posições do regime.

Os textos de carácter mais científico que terminam por listas de recomendações parecem apontar para um exercício de equilíbrio complexo de forças ligadas às colónias, ajustando políticas e propostas, devidamente justificadas com argumentos “científicos”.

## 5. Conclusão

No Estado Novo, e na revista *Portugal Colonial* em particular, a ciência alia-se à propaganda. Sustenta um discurso de autoridade, veiculado por vozes plurais, que visa um público especializado, com o objetivo explicitamente enunciado de refazer e defender a identidade, dignidade e autenticidade do Império Colonial Português. O conhecimento científico é a base das propostas que diferentes especialistas enunciam.

Estes objetivos e pressupostos determinam a construção macro e microdiscursiva dos textos analisados, através de estratégias linguístico-discursivas diversas: a estrutura dos textos, com subcapítulos, secções, conclusões; a sua extensão, em vários casos exagerada para o modelo de artigo de informação, ou porque se trata da divulgação de conferências e discursos realizados em contextos diversos, ou porque é necessária para uma adequada explanação dos assuntos (prolongando-se por mais do que um número da revista, por exemplo); as citações; o enquadramento histórico como forma de fundamentar as propostas; as fórmulas; os esquemas; os gráficos; os dados quantificados (a quantificação como argumento científico); a identificação dos autores como pertencendo a categorias profissionais ou académicas associadas à ciência, através de axiónimos; todos estes recursos sublinham a importância da argumentação ao serviço da credibilidade, ou seja, ao serviço dos objetivos ideológicos da revista e do regime.

A par de todos estes recursos, sobressai um outro, particularmente operativo na construção do modelo textual de divulgação científica: o emprego de léxico especializado, comprovando que a fonte do discurso é a ciência.

Contudo, e apesar de todas estas marcas que tendem a inscrever o discurso da *Portugal Colonial* num modelo de discurso de divulgação científica, só marginalmente os poderemos tomar como tal, dado que se cruzam com estas outras características, nomeadamente a presença de modalidade avaliativa evidente, a presença ostensiva de um *eu* que não se coíbe de exprimir opinião e impõe definitivamente uma enunciação subjetivizada.

Deve ressaltar-se que, em última análise, o objetivo da revista não é, como aliás foi acima apontado, o de fazer divulgação científica. No entanto, não pode ser ignorada a importância da argumentação científica na construção do discurso, que, por força das características do discurso de imprensa, agrega uma efetiva função de divulgação da ciência.

Finalmente, é possível realçar, no conjunto das revistas analisadas, a recorrência de estratégias linguístico-discursivas e icônicas diversas, que asseguram a construção discursiva destas finalidades, desde um nível macro ao nível microdiscursivo.